

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ALEX ALVES SILVESTRE

**SOB O CÉU COLORIDO DO VALE DO RIO GUARIBAS:
ANALISANDO A FORMAÇÃO DOCENTE PARA A DIVERSIDADE
SEXUAL A PARTIR DE ALUNOS-PROFESSORES DO PARFOR.**

PICOS

2014

ALEX ALVES SILVESTRE

**SOB O CÉU COLORIDO DO VALE DO RIO GUARIBAS:
ANALISANDO A FORMAÇÃO DOCENTE PARA A DIVERSIDADE
SEXUAL A PARTIR DE ALUNOS-PROFESSORES DO PARFOR.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para conclusão do curso.

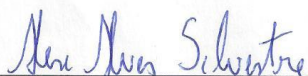
Orientadora: Prof.^aAna Carmita Bezerra de Souza

PICOS

2014

Eu, **Alex Alves Silvestre**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 13 de março de 2014.



Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S587s Silvestre, Alex Alves.

Sob o céu colorido do vale do rio guaribas: analisando a formação docente para a diversidade sexual a partir de alunos – professores do PARFOR / Alex Alves Silvestre. – 2013.

CD-ROM ; 4 ¾ pol. (47 p.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

Orientador(A): Profa.Dra. Ana Carmita Bezerra de Sousa

1. Sexualidade. 2. Homofobia. 3. Currículo. 4. Formação de Professores. I. Título.

CDD 306.766 07

ALEX ALVES SILVESTRE

**SOB O CÉU COLORIDO DO VALE DO RIO GUARIBAS:
ANALISANDO A FORMAÇÃO DOCENTE PARA A DIVERSIDADE
SEXUAL A PARTIR DE ALUNOS-PROFESSORES DO PARFOR.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

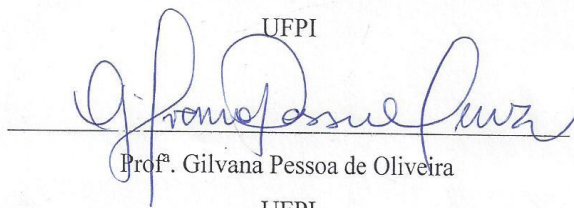
Aprovada em: 20 de fevereiro de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA



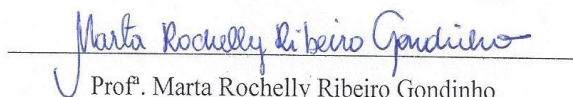
Prof.^a Ana Carmita Bezerra de Sousa – Orientadora

UFPI



Prof.^a Gilvana Pessoa de Oliveira

UFPI



Prof.^a Marta Rochelly Ribeiro Gondinho

UFPI

Prof.^o Paulo Fernando Mafra de Souza Júnior

R.SÁ

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois em vários momentos da minha vida, senti de forma especial a sua presença.

Agradeço a toda minha família, em especial aos meus pais Zildete Alves e Jose Rocha, que me apoiaram no decorrer dessa caminhada acadêmica e que sempre incentivaram e colaboraram financeiro e afetivamente para que eu pudesse realizar experiências que favorecessem a minha formação.

Agradeço a minha irmã Alessandra Alves a minha vó materna Vitoria Alves e minha tia Enedina Vieira a minha Tia e madrinha de formatura Socorro Bezerra por todo apoio.

Agradeço também a todos os familiares maternos e paternos, amigos íntimos e colegas que torceram pelo meu sucesso durante essa caminhada. Em destaque: A minha melhor amiga e fiel escudeira Mari Moura, ao querido Geilson Lima que tem acompanhado diariamente minhas angustias, ansiedades e conquistas desde o início desse trabalho e aos meus companheiros de batalha, alegrias, tristezas e muitas histórias pra contar(Risos) em Picos: Itallo Fernando, Wemerson Fontes e Olímpio Santos.

Agradeço a Professora e orientadora Ana Carmita que conduziu-me eficazmente em meus estudos científicos desde os primeiros períodos do curso com muita sabedoria, paciência e colaboração.

Agradeço a meus amigos da UFPI em especial à galera do Fundão: As queridas Márcia Fernanda; Tamires Rufino; Thamires Pinheiro. Chris Freitas, Edelmara Oliveira, Joana Antonia, Josimar Costa, Moniza Lopes, Jucileia Isidório, Karla Dayane, Taynanne Tavares. Enfim, os que eu tive mais contato.Com eles, tantas vezes.sorri, desabafei, chorei, preocupei-me. Foi um misto de emoções durante o decorrer desses 5 anos e meio. Com vocês tive experiências que jamais serão esquecidas...

E também não poderia deixar de agradecer a todos os que passaram em minha vida deixando marcas, ensinamentos e experiências afetivas e profissionais compartilhadas.

DEDICATÓRIA

A Deus, força maior que me trouxe até aqui, a meus pais, e a professora Ana Carmita pela competente orientação.

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo investigar as opiniões que alunos-professores concludentes dos cursos ofertados pelo PARFOR em 2014.1 na Universidade Federal Do Piauí, campus de Picos, possuem sobre a formação que o currículo oferece durante o curso para educar, conviver e portar-se frente a situações e temáticas escolares envolvendo as orientações sexuais LGBT's. Especificamente, discuti a compreensão que esses alunos-professores tem sobre homofobia, analisando suas percepções sobre situações homofóbicas no âmbito escolar, buscando conhecer seus posicionamentos diante do papel da escola em relação à inserção de saberes conexos aos comportamentos sexuais humanos em seu currículo. Realizei uma pesquisa qualitativa e participante, na qual utilizei questionários para coletar as informações. E apresento os resultados, por meio da discussão teoria-empíria, utilizando-me do confronto analítico das informações coletadas com a apropriação das subjetividades e conceitos desenvolvidos por autores como Butler (2003), Loiola (2009) Louro (1997), Joca (2009) que tratam de questões ligadas a gêneros, sexualidades e homofobia; Silva (2011) e Candau (2012) que discorrem sobre currículo, multiculturalismo e diversidades na educação, entre outros. Com esse estudo consegui compreender que dentro dos anseios dos sujeitos da pesquisa, está a necessidade de que a escola deve tratar sobre os comportamentos humanos em seu currículo, mas para isso é preciso que a universidade, através das disciplinas ofertadas, preocupe-se mais ao desenvolver em suas formações de ensino tais temáticas. Como também, diagnostiquei através dos relatos desses sujeitos, que eles recebem sim uma formação curricular pautada no trato das diversidades sexuais na sala de aula. Porém, ainda não é suficiente para que sintam-se seguros a trabalhar tal temática no espaço escolar. Também pude inferir muitos equívocos nas respostas dos participantes em relação à conceitos nomenclaturais sobre o que seria a homofobia. Consequentemente é possível supor que esse resultado associa-se ao fato de que maior parte deles relataram a não visualização desse tipo de manifestação na sala de aula. Mas, será que não visualizam por que não existe ou por que não sabem, de fato, o que é homofobia? Então deixa-se a questão em aberto: como combater o que não enxerga-se? Ademais, lanço algumas propostas pedagógicas para o combate à homofobia no espaço escolar, com a certeza de que aquele é também lugar de formação para a liberdade e felicidade.

Palavras-chave: Sexualidade, homofobia, LGBT's, Currículo e formação de professores.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the opinions that student teachers of the courses offered by the PARFOR in 2014.1 Federal University of Piauí, Campus peaks have about the training curriculum offers during the course to educate, socialize and behave in front of school situations involving sexual orientations LGBT 's. Specifically, I discussed the understanding that these student teachers have about homophobia , homophobic analyzing their perceptions of situations in the school, getting to know their positions on the role of the school in relation to the insertion of knowledge related to human sexual behavior on your resume. I conducted a qualitative research participant and in which I used questionnaires to collect the information .It presents the results, through discussion theory and empiricism, me using the analytical comparison of information collected through the appropriation of subjects and concepts developed by authors such as Butler (1990), Loyola (2009) Blonde (1997), Joca (2009) that deal with issues of gender, sexualities and homophobia; Silva (2011) and Candau (2012) who talk about curriculum, multiculturalism and diversity in education, among others. With this study was unable to understand that within the desires of the subjects is the need that the school should deal about human behavior on your resume, but this requires that the university, through the disciplines offered, the most worry - develop their teaching subjects such formations. As also diagnosed through the accounts of these subjects, but they receive a curriculum guided training in dealing with sexual diversity in the classroom. But still not enough to feel safe to work this theme at school. Could also infer many misconceptions regarding participants' responses regarding the nomenclatural concepts of what would be homophobia. Consequently it is possible to suppose that this result is associated with the fact that most of them do not see this kind of manifestation in the classroom. But does not envision why not exist or do not know why, in fact, what is homophobia? Then leaves the question open: how to combat that does not see itself ? Moreover, haul some pedagogical proposals to combat homophobia within the school, with the certainty that this is also a place of training for freedom and happiness.

Keywords: Sexuality, homophobia, LGBT's, curriculum and teacher training.

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CSHNB – Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros

DST's – Doenças sexualmente transmissíveis.

EJA – Educação de Jovens e Adultos

GGB- Grupo Gay da Bahia

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LGBTTT – Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgeneros

LGBT's – (Idem)

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

UFPI – Universidade Federal Do Piauí

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Homofobia: municípios brasileiros- crimes/milhão.....	13
Grafico 2 – Sujeitos da amostra – Sexo.....	19
Grafico 3 – Sujeitos da amostra – Idade.....	19
Grafico 4 – Sujeitos da amostra – Estado Civil.....	19
Grafico 5 – Sujeitos da amostra – Tempo de profissão.....	19
Grafico 6 – Sujeitos da amostra – Series que leciona	19
Grafico 7 – Sujeitos da amostra – Distribuição por Curso em conclusão no PARFOR.....	19
Grafico 8 – Sujeitos da amostra – Formação Escolar.....	19

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Apresentação do tema.....	11
1.2	Justificativa.....	13
1.3	Objetivos.....	14
1.3.1	Objetivo Geral.....	14
1.3.2	Objetivos Específicos	14
1.4	Problematização.....	14
1.5	Metodologia.....	15
1.5.1	Caracterização da amostra e instrumento de dados.....	15
1.5.2	Passos percorridos na coleta de dados.....	17
1.5.3	Sobre os sujeitos da pesquisa.....	18
2	DIALOGANDO COM GÊNEROS, SEXUALIDADES E HOMOFOBIA A PARTIR DAS SUBJETIVIDADES DOS ALUNOS-PROFESSORES DO PARFOR	21
2.1	Considerações Conceptuais da discussão.....	21
2.2	Não há homofobia nas escolas de Picos-PI - nuance contraditória.....	23
2.3	A escola deve tratar pedagogicamente sobre os comportamentos sexuais humanos? O que pensam os professores?	25
2.4	Problematizando o “assumir-se” como LGBTTT no convívio escolar.....	26
2.5	Diversidade sexual e homofobia como construção histórica e social.....	28
2.6	A reinvenção da família na escola como reflexo da pluralidade sexual.....	31
2.7	A imagem negativa dos LGBT’s na mídia e seus ecos na escola.....	34
2.8	O currículo para a diversidade sexual: ideais pós-críticos e a teoria <i>queer</i> a partir dos alunos-professores do PARFOR.....	35
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
4	REFERÊNCIAS,.....	42

APÊNDICES

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do tema

A presente pesquisa problematiza as opiniões que alunos-professores¹ concludentes em 2014.1 das Licenciaturas do PARFOR², na modalidade presencial, oferecidas na Universidade Federal do Piauí, campus de Picos, possuem sobre a formação que o currículo proporciona durante o curso para trabalharem com temas relacionados a gênero, sexualidades e homofobia no espaço escolar. Como também, buscou-se conhecer seus posicionamentos a respeito do papel da escola diante dos comportamentos sexuais humanos e do combate aos crimes homofóbicos.

Já que a partir de 1960 teve início no Brasil e no mundo um processo de mudanças sociais com relação ao comportamento e à sexualidade humana, que historicamente é resultante do pioneirismo do movimento feminista em luta pelo reconhecimento da figura e direitos das

¹Utilizo-me da nomenclatura alunos-professores, fazendo menção ao fato que os alunos dos cursos do PARFOR, são por obrigatoriedade de seleção do programa, professores em exercício na rede pública de educação básica. Ou seja, estão incumbidos aos papéis de aluno e professor, só que em âmbitos diferentes.

²O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), na modalidade presencial é um Programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Capes, os estados, municípios o Distrito Federal e as Instituições de Educação Superior – IES.

O Programa fomenta a oferta de turmas especiais em cursos de:

I. Licenciatura – para docentes ou tradutores intérpretes de Libras em exercício na rede pública da educação básica que não tenham formação superior ou que mesmo tendo essa formação se disponham a realizar curso de licenciatura na etapa/disciplina em que atua em sala de aula;

II. Segunda licenciatura – para professores licenciados que estejam em exercício há pelo menos três anos na rede pública de educação básica e que atuem em área distinta da sua formação inicial, ou para profissionais licenciados que atuam como tradutor intérprete de Libras na rede pública de Educação Básica;

III. Formação pedagógica – para docentes ou tradutores intérpretes de Libras graduados não licenciados que se encontram no exercício da docência na rede pública da educação básica.

Objetivo:

Induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício na rede pública de educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e contribuam para a melhoria da qualidade da educação básica no País.

Como funciona?

Anualmente a Capes divulga o Calendário de Atividades do Programa. Nele estão definidos os prazos e as atividades a serem realizadas pelas secretarias de educação estaduais, Municipais e do DF, os Fóruns e as IES e o período das pré-inscrições.

Para concorrer à vaga nos cursos ofertados, os professores devem: a) realizar seu cadastro e pré- inscrição na Plataforma Freire; b) estar cadastrado no Educacenso na função Docente ou Tradutor Intérprete de Libras na rede pública de educação básica; e c) ter sua pré-inscrição validada pela Secretaria de educação ou órgão equivalente a que estiver vinculado. (Brasil/MEC, 2009)

mulheres dentro da sociedade. Posteriormente, em meados dos anos 1970, surgem as primeiras organizações do movimento homossexual, como Grupo de Afirmação Homossexual - Somos, em São Paulo, que cansados de serem socialmente marginalizados, e inspirados pelas frentes revolucionárias feministas, consolidaram-se como os primeiros movimentos organizados - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgeneros (LGBTTT).

Discutir e defender as orientações sexuais entrava na abordagem dos direitos humanos constitucionais. Muitos tabus ideológicos paradigmáticos estavam entrando em ruptura. Destaca-se os dogmas histórico-religiosos de não aceitação das homoafetividades sendo enfrentados pelas legislações nacionais que regem o país. A classe LGBT já é assistida judicialmente por mecanismos legais em políticas afirmativas de combate ao preconceito e a discriminação sexual, a exemplos das uniões estáveis ou casamentos homoafetivos, adoção de menores por casais homossexuais, projeto nacional de criminalização da homofobia e entre outras legislações peculiares de cada estado ou municípios que protegem e afirmam a categoria.

A escola como espaço de convivência social não poderia ficar de fora dessas mudanças. Por conseguinte, estão em vigor os parâmetros curriculares nacionais (Pcn's) que trazem como um dos temas transversais a orientação sexual, visando o trabalho pedagógico interdisciplinar de temas relacionados a corpo, gênero, sexualidades e afetividades na sala de aula.

[...] Para isso, optou-se por integrar a Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, através da transversalidade, o que significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, o posicionamento proposto pelo tema Orientação Sexual, assim como acontece com todos os Temas Transversais, estará impregnando toda a prática educativa. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio de sua própria proposta de trabalho. Ao se apresentarem os conteúdos de Orientação Sexual, serão explicitadas as articulações mais evidentes de cada bloco de conteúdo com as diversas áreas. (BRASIL, 1997, p. 307)

Assim, este estudo vem salientando um sucinto esclarecimento a respeito da titulação desse trabalho, onde utilizo-me da analogia “sobre o céu colorido “fazendo relação a heterogeneidade das orientações sexuais humanas a seu símbolo de representação mundial: o arco-íris, que traz uma simbologia ideológica de comparação entre a harmonia de sua desigualdade de cores e tons com as representações sexuais da humanidade e marcas do multiculturalismo. Quando falo em vale do Rio Guaribas, me refiro geograficamente ao município de Picos-PI e a todos os outros da macrorregião que também margeiam o referido rio, espaço de minha constante convivência e interação.

1.2 Justificativa

O interesse nessa temática aflorou-se desde os primeiros períodos do curso de pedagogia em 2009, quando me depararei com disciplina Teorias de Currículo e Sociedade fundamentada com alguns discursos teóricos que davam suporte a diversas formas de se trabalhar as relações de gênero, juventudes, sexualidade e violências no espaço escolarizado. Assim, fui percebendo que essa não foi a realidade pedagógica que eu vivencie em meus tempos de estudante do ensino fundamental e médio, em um período de tempo cronológico de 1996 a 2008.

Mas pensei que, assim como eu, muitas outras pessoas também não tiveram qualquer tipo de conscientização, apoio, orientação ou esclarecimentos na época. Por conseguinte, atualmente poderíamos ter uma geração bem mais tolerante ao exercício da livre orientação sexual. Se, naquele período, a escola contasse com profissionais preparados para lidar com este tipo de temática, com certeza hoje teríamos uma sociedade bem mais esclarecida e menos violenta. Segundo dados do último levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB) o estado do Piauí foi, em 2012, o primeiro estado do Brasil em números de crimes registrados contra homossexuais (homofobia), sendo Teresina a capital mais homofóbica do Brasil, com 15,6 homicídios para pouco mais de 800 mil habitantes.

Municípios - Crimes/Milhão					
	Estado	Município	Crimes	População	Crimes/Milhão
1	PI	Teresina	13	830.231	15,66
2	PB	João Pessoa	10	742.478	13,47
3	AL	Maceió	10	953.393	10,49
4	RN	Natal	7	817.590	8,56
5	AM	Manaus	14	1.861.838	7,52
6	PA	Belém	7	1.410.430	4,96
7	BA	Salvador	10	2.710.968	3,69
8	CE	Fortaleza	7	2.500.194	2,80
9	SP	São Paulo	12	11.376.685	1,05

Fonte: Portal Noticiei/2012

Assim, a expectativa é de que essa pesquisa gere um retorno e/ou esclarecimento aos sujeitos formadores de opiniões do espaço educacional. Visto que é extremamente necessária a inserção de medidas de combate ao preconceito e de como lidar com a diversidade sexual na escola com coerência pedagógica e ética ao invés de omitir o assunto empurrando-o para baixo do tapete.

Conheci várias pessoas que poderiam ser excelentes profissionais para o mundo, mas infelizmente evadiram da escola em função do preconceito arremetido a suas orientações sexuais. Por não sentirem-se bem naquele âmbito optaram por outros espaços sociais para seguirem suas vidas. Considero que, indiretamente, lhes foi negado o direito à educação escolar.

De tal modo, acredito que este estudo investigativo se faz extremamente necessário, não só para profissionais da área da educação preocupados com ações pedagógicas eficazes para atuação com a diversidade presente na escola, mas também tem validade a todos os profissionais de quaisquer áreas que circundam no dia-a-dia, visto que as questões voltadas ao campo da sexualidade, ainda são vistas com muito pudor e omissão à discussão aprofundada. O que só agrava o desconhecimento de sua relevância social nos tempos de hoje, resultando no aumento da violência(intolerância) e falta de informação que impera na nossa sociedade, justamente pela carência de preparo dos agentes sociais que atuam nas escolas e famílias.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

- Investigar as opiniões que alunos-professores concludentes em 2014.1 dos cursos ofertados pelo PARFOR na Universidade Federal do Piauí, campus de Picos, possuem sobre a formação que o currículo oferece durante o curso para educar, conviver e portar-se frente a situações e temáticas escolares envolvendo as orientações sexuais LGBT's.

1.3.2 Objetivos específicos

- Discutir a compreensão que os alunos-professores do PARFOR tem sobre homofobia.
- Analisar suas percepções sobre situações homofóbicas no âmbito escolar.
- Conhecer seus posicionamentos diante do papel da escola em relação à inserção de saberes conexos aos comportamentos sexuais humanos em seu currículo.

1.4 Problematização

Em pleno século XXI estamos pedagogicamente envolvidos em meio a múltiplos sustentáculos teóricos que definem a chamada “educação contemporânea”, e é dentro desse leque

de inovações do ensino que situo a problematização desse estudo nas profundas transformações das percepções sexuais/gênero e enfrentamento a várias situações de preconceito e discriminação em todos os espaços sociais, a chamada educação para equidade. Mas até que ponto esse ideal educativo é realmente vivenciado e/ou retransmitido nos currículos das formações ofertadas pelo PARFOR na UFPI-CSHBN na opinião dos alunos-professores concludentes dessas formações? Será que a universidade, através das ementas das disciplinas ofertadas, está preparando esses profissionais para tratar sobre a diversidade sexual na escola de maneira eficaz e livre de quaisquer preconceitos pessoais? Será que os professores selecionados para ministrarem essas ementas estão atingindo o(s) objetivo(s) da mesma? E o que esses alunos-professores em formação entendem por homofobia? O que eles vivenciam e percebem, quando o assunto é homofobia no âmbito escolar? Eles concordam que a escola deveria trabalhar os comportamentos sexuais humanos em seu currículo? Ou percebem tais conteúdos como dispensáveis e até nocivos à formação humana desenvolvida na escola? São estas e outras questões que nos acompanham no desenvolvimento das análises desta pesquisa, nas páginas e capítulos que se seguem.

1.4 Metodologia

Como a presente pesquisa busca analisar as opiniões que alunos-professores do PARFOR possuem sobre o tipo de formação que recebem para a trato da diversidade sexual na escola, e o combate a homofobia, assim como conhecer seus posicionamentos diante do papel da escola dentro desse contexto. A construção de sua amostra foi obtida através da coleta de informações resultantes da aplicação de um questionário (ver nos apêndices), respondido por 43,90% da totalidade de 126 alunos de cinco dos cursos de licenciatura formandos do PARFOR-2014.1(matemática, história, pedagogia, letras português e letras inglês) que são oferecidos no campus universitário de Picos – UFPI. É válido destacar que durante a pesquisa, além da abordagem individual, visitei as salas de aula dos referidos cursos, em um processo de sensibilização para que os sujeitos sentissem motivados a colaborar com a mesma. Saliento, que afim de preservar a identidade dos sujeitos participantes deste estudo, chamarei-os de A-P (aluno-professor) e atribuirei numerações de 1 a 54 aos mesmos.

1.5.1 Caracterizações da pesquisa e instrumento de coleta de informações.

De acordo com os objetivos propostos, com as informações coletadas e com o tipo de análise que estes receberam, esta pesquisa caracteriza-se como sendo qualitativa e do tipo participante

como assegura Gil (1999) a pesquisa qualitativa tem como foco investigar a compreensão dos significados dos sujeitos sobre suas ações. E para o referido autor, um estudo é do tipo participante quando busca o envolvimento da comunidade na análise de sua própria realidade. Ela se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas.

Trata-se, portanto de um modelo de pesquisa que difere-se das tradicionais por que a população não é considerada passiva e seu planejamento e condução não ficam a cargo de pesquisadores profissionais. A seleção dos problemas a serem estudados não emerge da simples decisão dos pesquisadores, mas da própria população envolvida. (GIL, 2010, p 43)

O questionário foi o instrumento considerado apropriado a ser utilizado na pesquisa devido à necessidade de averiguar as opiniões de um grupo de acordo com os eixos temáticos norteadores desse estudo. Sua composição, formulada de perguntas abertas e fechadas possibilitou a interpretação e não apenas a quantificação, pois buscava-se levar os respondentes a um procedimento de reflexão pessoal que revelasse seu modo de pensar sobre o seu cotidiano formativo, profissional e a temática investigada. O questionário, segundo Gil (1999, p.128):

Pode ser definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Além disso, o mesmo autor segue apresentando as seguintes vantagens do questionário sobre as demais técnicas de coleta de dados:

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais convenientes;
- e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado. (GIL,1999, p. 128/129)

Para a elaboração do questionário foram considerados os seguintes critérios: poucas perguntas, afim de evitar que os respondentes ficassem enfadados com as mesmas, enunciados

curtos e claros de fácil compreensão, objetivando-se evidenciar respostas mais confiáveis, relevância das perguntas para o tema pesquisado, o formato do questionário contendo espaço satisfatório para as declarações dos respondentes. (Conferir nos apêndices deste trabalho)

1.5.2 Passos percorridos na coleta de dados

O primeiro passo para a aplicação dos questionários aconteceu com a aproximação aos estudantes na instituição, no pátio, corredores e nas salas de aula. Os questionários foram aplicados somente pelo pesquisador, face a face, sendo assim, facilitou o trabalho para tirar dúvidas sobre as questões. Toma-se nota que muitos questionários entregues retornaram em branco ou nem retornaram. Pude inferir a partir desse ocorrido, que houve resistência ou pudor de participar de pesquisas que verssem sobre tal temática relacionada aos comportamentos sexuais humanos. Afirmando isso, a partir do semblante facial que as pessoas faziam quando em primeiro momento da abordagem pesquisador-pesquisado se dispunham a participar, no entanto, muitos quando liam o cabeçalho do questionário ou quando ouviam a minha explicação sobre o que se tratava, já justificavam a não colaboração pela falta de tempo, pedia para levar para casa, sugeria que eu passasse depois, entre outras justificativas.

Contudo, após a aplicação dos questionários e durante suas análises, senti necessidade de obter maiores informações sobre a grade curricular daquelas formações. Assim, tive diálogos informais com a minha orientadora, que já foi professora do PARFOR-Picos me esclarecendo determinadas dúvidas sobre o programa e fornecendo-me a ementa da disciplina “Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diversidade”, que é ministradas nos cinco cursos pesquisados, e aborda os saberes que desejo pesquisar nestas formações.

Agora, queria aproveitar esse espaço para esclarecer como cheguei aos sujeitos desta pesquisa: os alunos-professores do PARFOR. De início visei pesquisar a incidências de manifestações homofóbicas nas escolas públicas de Picos-PI, em uma tentativa sem sucesso, principalmente por causa do tempo disponível, visto que precisaria passar pelo menos um ano letivo em uma etnografia pautada em visitas periódicas nas escolas escolhidas para o trabalho de campo. A partir daí mudei o foco para a compreensão de quais eram os anseios do jovens do ensino médio em relação a homofobia e ao trato dado às diversidade sexuais na sociedade, utilizando da metodologia grupo focal, que também não surtiu o feito desejado, visto que eu mesmo organizei e desenvolvi os encontros, que no desenrolar das análises do vídeos juntamente com minha orientadora, percebemos que aqueles grupos focais assemelhavam-se mais uma espécie de palestra informativa e dialogada com os participantes, pois eu estava

levando-os do senso comum ao senso crítico e desse modo, tendenciava suas expressões ou manifestações a respeito de suas opiniões. Esse foi o fator agravante que nos fez buscar um novo campo.

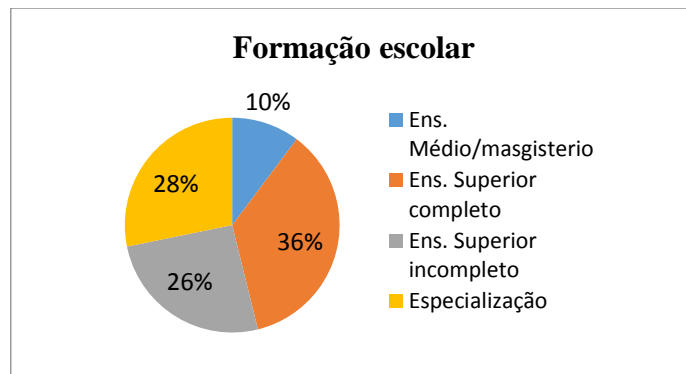
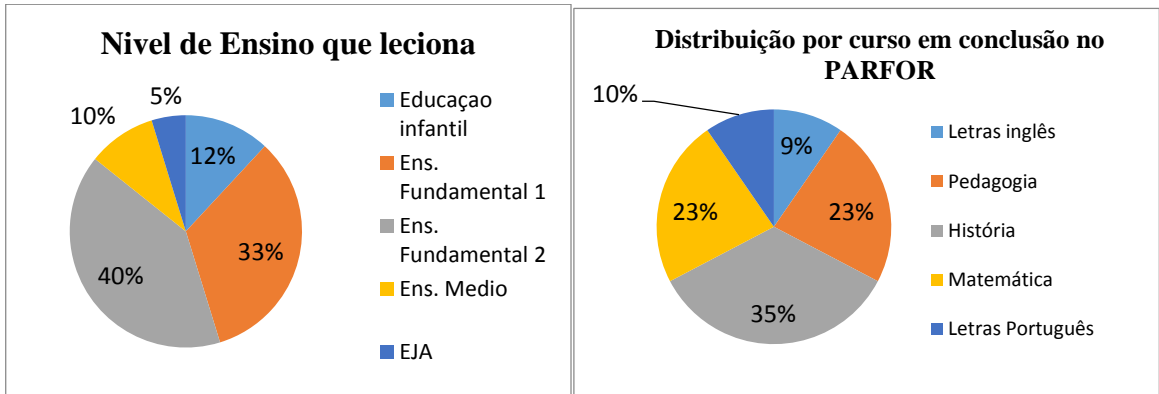
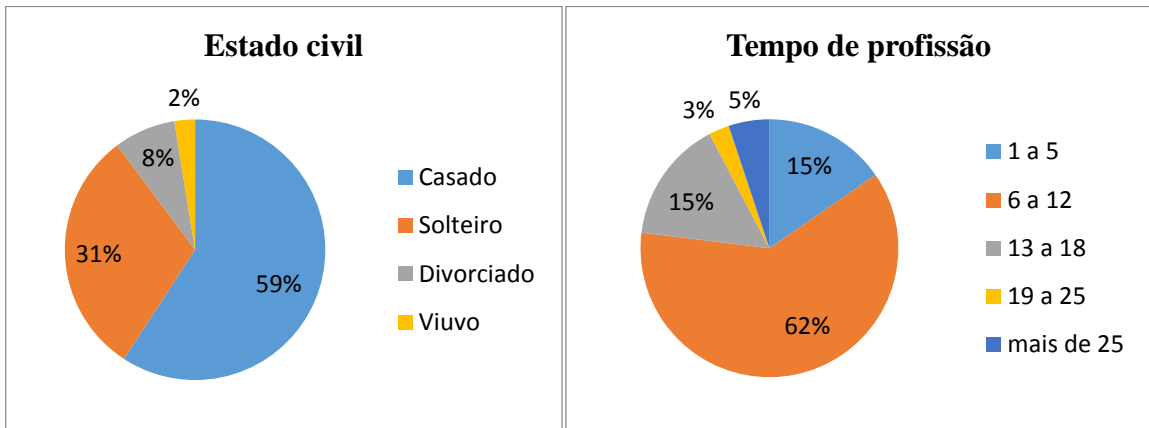
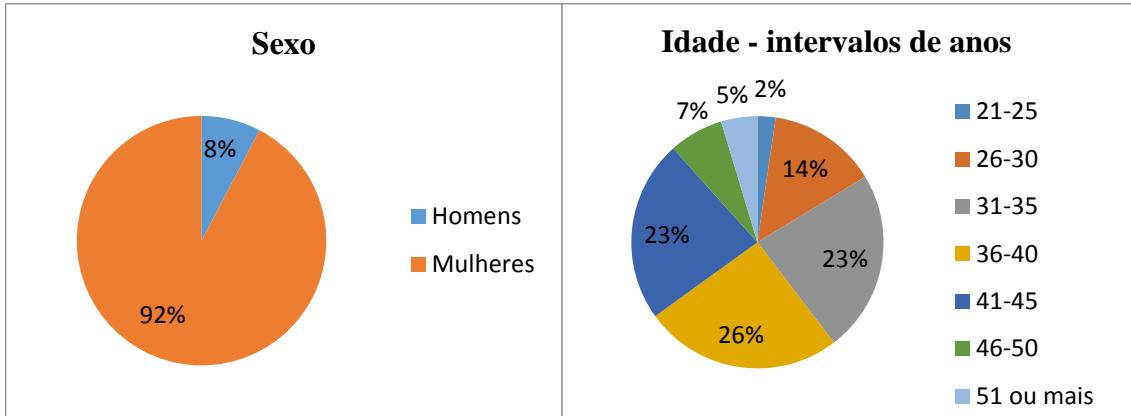
Assim, partimos da ideia de pesquisar, não mais incidências homofóbicas no espaço escolar ou as opiniões do alunos sobre os comportamentos sexuais humanos, e sim a figura do professor como formador dos saberes dos educandos em relação a temática. Contudo, precisávamos de professores que trabalhassem na educação básica pública, entretanto já estávamos chegando ao final de ano letivo de 2013.2 e as escolas municipais e estaduais iniciavam o períodos de férias de 2013.2. Por conseguinte surgiu o interesse pelo PARFOR, que estava em pleno andamento nos meses de janeiro e fevereiro na UFPI, lá estaríamos em contato com professores, atuantes na educação básica pública, e poderíamos desenvolver uma rica coleta de informações.

1.5.3 Sobre os sujeitos da pesquisa.

Os entrevistados são professores atuantes na educação básica, nas esferas municipal e estadual que estão em período conclusivo de suas Licenciaturas no PARFOR, pela Universidade Federal Do Piauí, Campus de Picos. Ao todo foram 54 formandos do semestre de 2014.1. O que equivale a 43,90% do grupo de alunos do PARFOR que concluirão seus cursos em 2014.1. Estes estão distribuídos nos seguintes cursos: História 33,33%, Letras Inglês 9,25%, Letras Português 9,25%, Matemática 22,2% e Pedagogia 22,2%.

Sendo eles 92,3% do sexo feminino e 7,7% do sexo masculino, apresentando uma faixa etária que varia entre 21 anos chegando até o intervalo de 51 anos ou mais. Já a situação conjugal do grupo pesquisado divide-se da seguinte maneira, 58,97% são casados 30,76% solteiros, 7,69% divorciados e 2,56% viúvos.

Em relação ao tempo de profissão a maioria possui de 6 a 12 anos, totalizando 61,53%. Sobre as séries que lecionam, encontramos desde a educação infantil, todos os níveis da educação básica e a Educação de Jovens e Adultos. Suas formações escolares variam desde professores somente com Ensino médio/Magistério a professores especialistas.



Dando continuidade a este trabalho, saliento que não vi necessidade de desenvolver mais de um capítulo para as exposição da teoria e dos “achados” desse estudo. Alertando-se que o capítulo a seguir foi percorrido em sua totalidade por meio de uma tessitura dialógica, ou seja, optei por articular a teoria com a empiria dessa investigação, dividindo-o em oito sub-topicos ou sub-temáticas que complementam-se entre si e movimentam as discussões a partir do confronto analítico das informações coletadas com a apropriação das subjetividades e conceitos desenvolvidos por autores como Butler (2003), Loiola (2009) Louro (1997), Joca (2009) que tratam de questões ligadas a gêneros, sexualidades e violências, Silva (2011) e Candau (2012) que falam discorrem sobre currículo, multiculturalismo e diversidades na educação e entre outros. Para concluir, discorri um apanhado geral de minhas descobertas. Logo após, prossigo apresentando algumas reflexões pessoais sobre a temática no cenário da educação brasileira. Ademais, cito algumas sugestões pedagógicas de como desenvolvermos uma práxis pautada na educação para a diversidade sexual.

2. DIALOGANDO COM GENEROS, SEXUALIDADES E HOMOFOBIA A PARTIR DAS SUBJETIVIDADES DOS ALUNOS-PROFESSORES DO PARFOR.

[...] É chato chegar
A um objetivo num instante
Eu quero viver
Nessa metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo.

(Metamorfose Ambulante- Raul Seixas)

Conforme já havia falado anteriormente, optei por não estruturar minha escrita monográfica no formato científico padrão: referencial teórico e análise de dados, separadamente. Busquei enfatizar os resultados e deixar esse trabalho mais conciso e de fácil compreensão. “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que aquela velha opinião formada sobre tudo”. Utilizando-me das expressões de Raul Seixas, a seguir darei asas a uma construção particular, apropriando-me do aporte teórico que fundamentou esse estudo em contínua discussão com as subjetividades dos sujeitos dessa pesquisa.

2.1 Considerações Conceptuais da discussão.

A priori, procuro deixar evidentes as minhas ideias do conceito de sexualidade e gênero, fazendo uso da ótica de Weeks (2001) que diz: “Para descrever a diferenciação social entre homens e mulheres, usarei o termo “gênero”. Usarei o termo “sexualidade” como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas.

Já quando falo em identidade de gênero ou sexo social, trago as ideias da feminista Butler (2003) que as compreende como o sentimento de pertencer a um dos dois sexo biológicos e comporta-se conforme o mesmo, ou seja desempenhando as experiências do papel de gênero que se sentem bem em sociedade. Para ela o gênero não é natural, ele é performático, ou seja, ninguém nasce com um gênero construído, mas o constrói na relação com a sociedade e com seus próprios desejos, estímulos e comportamentos sexuais.

Quando menciono orientação sexual refiro-me as formas como o ser humano direciona o seu, desejo/atração/afeto ao próximo, contemplando-se nas práticas: homo, hetero, bissexual ou assexuado. Mas por que as pessoas quando escutam a palavra sexualidade, só associam ao

sexo com sentido obsceno e erótico, esquecendo-se dos aspectos psicológicos e educativos (corpo, gênero e afetividades)? Principalmente quando esse assunto é intencionalmente dialogado na escola. Elas já pensam logo em discussão sobre as homossexualidades. Contudo, o que seria homossexual?

Segundo Fry & MacRae (1991) o/a homossexual é aquele/a que relaciona-se sexualmente e/ou afetivamente com pessoas do mesmo sexo. Contudo, não há uma verdade ou posição ideológica absoluta sobre a homossexualidade. Cada sociedade, historicamente teve sua própria interpretação de acordo com sua época e cultura. Até o século XIX este assunto esteve atrelado aos campos da Medicina(Biológico) e Psicologia(Psíquico). Atualmente, é de cunho antropológico e social, sendo enxergado como uma questão política e cultural.

No entanto, utilizo as ideias de Weeks (2001) para deixar bem claro que nessa pesquisa “Não estamos preocupados com a questão do que causa a heterossexualidade ou homossexualidade nos indivíduos, mas, ao invés disso, com o problema de por que e como nossa cultura privilegia uma e marginaliza quando não discrimina a outra “(p.49)

Trago também as concepções de homofobia, considerando-a como o preconceito, violação de direitos, violência, chegando até mesmo a morte de pessoas que não apresentam a heterossexualidade como sua orientação sexual. Convivemos em uma sociedade que a norma é ser heterossexual, como nos diz Louro (1997) podemos afirmar que estamos em uma sociedade heteronormativa, ou seja, aquela que pensa única e exclusivamente as referências da heterossexualidade e do binarismo da sexualidade humana.

Quando falo em binarismo sexual, arremeto à duplicidade do sexo: uma genitália masculina está para um genitália feminina, onde o encontro de ambas através do ato de penetração permitirá o contato de suas substancias seminais, momento esse que um dos organismos servirá de alojamento para a realização da fecundação que gerará um novo ser, procriando assim a espécie humana. Resumidamente, esse tipo de concepção binária impôs modos de agir, comportar e se ter um papel normatizado do que é ser macho e fêmea dentro da sociedade. De acordo com as ideias de Loiola (2009)

Nessa relação binária de gêneros e, concomitantemente, de sexos cada um, na perspectiva de seu sexo genital tem um script social a seguir, mediante determinação social, mesmo dentro de determinadas arbitrariedades. Pois a legitimidade de tal padrão nos papéis sociais e sexuais passa pela institucionalização da normalidade dirigida pela igreja, pela família e pelo estado. (p.43)

É nesse contexto do *script* social a seguir que entra em cena os chamados “diferentes” que seriam aqueles sujeitos que extrapolam o binarismo, pois não conseguem se enquadrar no ser macho ou ser fêmea, ou seja, não atuam nos espaços de formação e afetividade seguindo o roteiro dos *scripts*. Traduzindo, dá-se a entender que essa visão binária confronta e conflita os gêneros em um embate heterossexual (a norma) versus homossexual (a exceção). Contudo, apesar de vivenciarmos a construção de uma sociedade multiculturalista³. Verifica-se que dentro da construção de uma perspectiva multicultural de articulação de processos sociais que promovam as pluralidades: cultural, sexual, étnica, religiosa, etc, visa-se a desconstrução de paradigmas ideológicos carregados de uma moralidade segregadora que sufoca os minoritariamente concebidos como anormais, desviantes de conduta e personalidade, em relação as suas preferências sexuais homoafetivas. O que fortalece a minha ânsia pela presente temática, trazendo a seguir, uma discussão sobre a homofobia nas escolas, a partir de “falas-escritas” dos alunos-professores pesquisados.

2.2 Não há homofobia nas escolas de Picos-PI – nuance contraditória.

Na coleta de dados desse estudo, ao serem questionados se já presenciaram alguma situação homofobia no espaço escolar em que trabalham, o percentual participante de 76,92% dos alunos-professores do PARFOR evidenciaram que nunca visualizaram esse tipo ação. De início já percebi uma forte contradição com o que apresentei na justificativa dessa pesquisa. Como o Piauí ocupa a primeira posição no *ranking* nacional dos estados com maior incidências de crimes homofóbicos e encontramos na coleta de informações esse percentual expressivo de professores que não visualizaram esse tipo de manifestação em suas salas de aula? Ou no espaço escolar de modo geral?

Será que nossas escolas estão livre da homofobia? Os alunos já estão devidamente educados para conviver com as diversidades? Ou esses professores pesquisados ainda não possuem habilidade sensível para detectar a ocorrência desses tipos de violência no espaço escolar por já terem naturalizado-nas à convivência de situações em seu cotidiano? Ou a negação do problema é mais confortável?

³O multiculturalismo, é um fenômeno complexo, contraditório e atravessado por múltiplas questões, concepções e tensões. Entre nós, trata-se de uma preocupação que recentemente vem adquirindo maior visibilidade e vão surgindo vários grupos, tanto nos espaços acadêmicos quanto nos movimentos sociais, preocupados com a discussão teórica e as implicações práticas das suas propostas. (CANDAUI, 2012, p. 50)

A essa consideração, os autores Costa & Joca (2009) acreditam que: “os próprios educadores/as comumente consideram estes casos como “brincadeiras”, coisa sem importância. Daí, por muitas vezes, os/as educadores/as não só silenciam, mas colaboram ativamente na reprodução dessas violências” (p.21). E dentro desse enredo a autora Guacira Lopes Louro traz também sua contribuição quando deixa claro que: “Na escola, espaço de formação e sociabilidade especialmente dos/as jovens, os preconceitos e os atos de discriminação contra a população lésbica, gay, bissexuais, travestis e transexuais-LGBTTTT, muitas vezes são naturalizados e banalizados.” (LOURO,1997, p 34).

Sabemos que os primeiros contatos da criança com a sexualidade e a divisão de gêneros são vivenciados na família, na escola e na própria sociedade que é onde ela aprende e exercita a educação sexual marcada pelo que Louro (2001) chamou de disciplinamento dos corpos à norma padrão. Utilizando-se como exemplo expressões do tipo:

Seja gentil ela é uma menina! Isso é brincadeira de menina. Menino não chora! Isso não é coisa que moça fale. Coragem, você é homem! Senta direito, você é menina. Homem não leva desaforo para casa. Vai ficar chorando igual uma mulherzinha? (SILVA, 2005, p.171)

Essa é uma marca de estigmas sexuais e atribuições de corpo e gênero rotuladas pela sociedade, que sempre abre margens ao preconceito contra quem desobedece a essa norma. Esse discurso torna-se ainda mais inequívoco quando, muito frequentemente “meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem”. (LOURO, 2001, p.29)

Então, dentro desse contexto de rotular-se atos da não aceitação e repreensão aos que fogem dos padrões heteronormativos, à nomenclatura de simples brincadeiras na escola. É relevante aliar essa discussão aos equívocos encontrados falas dos sujeitos participantes da pesquisa sobre o conceito de homofobia. Ao serem questionados sobre o que entendem sobre tal conceito, o percentual de 12,9% deixaram a indagação sem resposta. Já 18,51% deles expressaram conceitos equivocados, embora forjadamente aproximados com o significado científico:

A-P 36: Pessoas que gostam do mesmo sexo.

A-P 26: Pessoas que se atraem por pessoas do mesmo sexo.

A-P 11: São pessoas que desenvolvem o caráter ou compromisso de se relacionar com o mesmo sexo.

A-P 10: É uma forma pessoal de cada um, ou seja, cada um vive como quiser

A-P 37: Pessoas que sofrem por que gostam de pessoas do mesmo sexo

É perceptivo que essas associações foram feitas relacionando-se homofobia somente ao conceito do que é ser homossexual. Então, tenho mais um subsidio que me permite inferir que o fato de alguns dos pesquisados não terem encontrado/visualizado manifestações de homofobia no espaço em que trabalham. Todavia, não é justificado pregando-se que indubitavelmente elas não existam, mais sim a insuficiência cognitiva de apreensão do termo homofobia. Por conseguinte, não se pode evidenciar algo de que não tenha-se conhecimento do que realmente seja.

Então, a partir destes discursos infere-se que as perseguições(homofobia) escolares de quem não segue os padrões heteronormativos na maioria da vezes não são detectadas pelos docentes. E um dos motivos pode ser a falta de conhecimento (formação) ou dimensão da significância do que é um ato de homofobia. Assim, assemelhados a expressões do tipo “brincadeiras de mal gosto”, “isso é coisa de criança”. Por conseguinte, dificilmente algum desses profissionais trará à tona em sala de aula o discurso do estranhamento à homossexualidade, já que a cultura do país ainda não vê a homoafetividade como algo natural do dia-a-dia e do exercício da sexualidade humana. Essa é uma concepção social que visivelmente reflete no âmbito escolar, onde as crianças são instigadas desde pequenas a enxergarem a homossexualidade como “monstruosidade” ou patologia.

2.3 A escola deve tratar pedagogicamente sobre os comportamentos sexuais humanos? O que pensam os professores?

Um aspecto bem significativo da apreciação de informações investigadas, foi a relação entre o tempo de profissão dos participantes e a posição da maioria (74,35%) serem a favor de que a escola deva tratar sobre os comportamentos sexuais humanos em seu currículo. Percebemos dentro desse percentual, 61,53% dos participantes tem entre 6 e 12 anos de tempo de profissão, e 51,28% deles estão na faixa etária entre 31 e 45 anos o que indica que a densa experiência com sala de aula e a própria experiência de vida faz com que esses educadores sintam a necessidade de fomentarem esse tipo de saber em suas práticas escolares.

Percebe-se esses professores estão cientes que os Parâmetros Curriculares Nacionais, através do eixo temático transversal - Orientação Sexual, sugerem, que:

A orientação Sexual oferecida pela escola aborda com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio eleger como seus. (BRASIL, 1997, p. 16).

Ou seja, a postura de um educador frente à manifestações homofóbicas em sala de aula deve ser a de problematizar o acontecimento através de um diálogo imediato, logo após a ação presenciada, de forma reflexiva e discursiva com toda a turma, não apenas focando nos agressores ou nos agredidos, afim de não causar constrangimento em ambas as partes.

Mas vale ressaltar que esse tipo de atitude docente só será possível se o mesmo tiver o mínimo de formação, esclarecimento e conhecimentos necessários para uma intervenção pedagógica eficiente. Acarretando posteriormente uma práxis de enfrentamento à homofobia dentro desses “acazos escolares”. Joca(2009) explica que esse “acaso escolar” é direcionado ao teatro da vida real, sem roteiro, dirigido pela troca de saberes, culturas, ideologias entre os sujeitos que atuam no espaço escolar espontaneamente.

Dentro desse contexto é interessante frisar o discurso do Joca (2009) no qual ele faz uma crítica à nomenclatura utilizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN's, que utiliza “Orientação Sexual” como título para um de seus temas transversais. O autor diz que a forma que soa essa expressão distorce um pouco seu sentido para a direção de se educar o desejo sexual dos sujeitos (homo, hetero, bi ou assexuado). Defendendo assim o uso da expressão “educação sexual” para substituí-la, já que está encaixa-se melhor na finalidade desse tema transversal, pois faz menção a práticas educativas de abordagem da sexualidade na escola: corpo, gênero e afetividades.

2.4 Problematizando o “assumir-se” como LGBTTT no convívio escolar.

Sabemos que assumir-se ou ser identificado como LGBTTT no espaço escolar pode causar profundas sequelas psicológicas e emocionais por toda a vida, visto que segundo Loiola (2009, p.59) “As crianças desde muito cedo são ensinadas a se comportarem dentro dos

estereótipos de masculinidade e inferiorizam as demais que não se enquadram nessa perspectiva.”

Sobre esse diálogo do “assumir-se” me chamou muito atenção na análise das respostas dos participantes, uma categoria de respostas que direcionavam a justificativa de que a escola deveria sim trabalhar em seu currículo os comportamentos sexuais humanos, associando a importância desses saberes aos conhecimentos e/ou reconhecimentos sociais da sexualidade (orientação sexual) individual do aluno, de tal modo que esse educando possa ter um espaço proporcionado pela escola para refletir sobre sua própria sexualidade:

A-P 2: Por que a família quase sempre não trata desses assuntos. Então a escola deve dá abertura pra esse assunto fazendo com que o aluno decida e pense sobre a sua sexualidade (Grifos meus)

A-P 20: Por que os jovens precisam ter mais conhecimento de como se comportar sexualmente, e esse conhecimento é através da escola que ele tem que adquirir (Grifos meus)

A-P 22: Por que a família educa impondo seus padrões próprios, enquanto que a escola ajuda o educando a desenvolver um pensamento crítico sobre sua própria sexualidade (Grifos meus)

A-P 31: A sociedade moderna apresenta-se numa constante mudança quanto ao pensamento e as escolhas sexuais particulares de cada um, sendo assim é extremamente necessário ser trabalhada no currículo escolar (Grifos meus)

Segundo Costa & Joca (2009) a violência homofobia segue a tríade rua-casa-escola, na rua é espaço de expressão das afetividades em que a cidadania homossexual é negada. Em casa e na escola são os âmbitos regidos pela norma do é ser “normal” (heterossexual) e “diferente” (homossexual/bissexual). No entanto no cotidiano dessa tríade quem mais vai sofrer são aqueles ou aquelas que ainda estiverem “transitando” entre as zonas de atração sexual pelo sexo oposto, mesmo sexo, ambos ou ainda não tiverem despertado suas eroticidades. Já aqueles que tem uma posição definida (assumida) sobre suas orientações sexuais, tentam conviver pacificamente com a discriminação e o preconceito, mesmo que, por algumas vezes, tenha que tolerar as consequências deles:

O processo do assumir-se gay torna-se muito complexo, podendo causar profundas sequelas psicológicas e emocionais por toda a vida, haja vista que as crianças desde muito cedo são ensinadas a se comportarem dentro dos estereótipos de masculinidade e, a inferiorizarem as demais que não se enquadram nessa perspectiva. Seguindo o percurso da vida, vai se cristalizando uma estrutura de saber acerca da sexualidade que torna os indivíduos confusos e frágeis diante da normalidade exigida. O adolescente homossexual sofre uma série de castrações no convívio coletivo cotidiano, não podendo revelar seus sentimentos, não encontrando espaços favoráveis

para o desenvolvimento de ideias positivas em relação à homossexualidade, torna-se um pessoa triste e amargurada em muitos casos. Mas, o assumir-se gay é uma necessidade fundamental para que o sujeito possa se sentir livre das depressões e do cansaço produzido pela ansiedade e pela tensão sentimental da dissimulação efetiva em sua conduta. (LOIOLA, 2009, Pag.59)

Então, quando você tem como norma ser heterossexual, todos aqueles e aquelas que não estão na norma, no caso os LGBT's, sofrem uma série de preconceitos, violências e discriminações, principalmente nas escolas, espaço de relações interpessoais e local onde eles passam maior parte do dia. Assim, vemos que a homofobia está relacionada intimamente aos papeis de gênero exercido em nossa sociedade. Mas, de onde vem esse preconceito? Temos que pensar que ninguém nasce com pré-conceitos, eles fazem parte da construção da bagagem sócio-histórico-cultural dos indivíduos durante suas experiências sociais. Originados de quem rompe essa hierarquia de fronteira de gêneros alicerçada por construções histórico-ideológicas.

2.5 Diversidade sexual e homofobia como construção histórica e social.

Hoje em dia vivemos um período de homoafetividades ou homossexualidades frutos das lutas reivindicativas do movimento feminista e dos grupo organizados LGBT's, em que a homossexualidade deixa de ser objeto de escárnio social e paulatinamente começa a ser reconhecida na legitimidade de suas conquistas político-sociais.

Muita gente acredita que houve um aumento da homossexualidade mas não se pode confundir a existência de um fenômeno com sua visibilidade social. Não há evidencia nenhuma de que a homossexualidade aumentou. O que aconteceu, isto sim, é que com a gradual redução do estigma social, ela se escondeu menos e se assume mais. (FRY & MACRAE, 1991, p.32)

É interessante enfatizar que quando pensamos em homossexualidade na história, logo nos vem à mente Grécia e Roma. Foucault (1993) confronta o antagonismo da visão que a cultura helênica tinha a respeito das práticas homoeróticas com a percepção que a sociedade moderna tem hoje. Logo que nas vivencias daquele período histórico-cultural a homossexualidade não era assunto em pauta, porque era tão aceita que fazia parte da vida cotidiana das pessoas. Nem mesmo existia a palavra homossexual ou a denominação gay, lésbica, etc, muito menos conceitos ou nomenclaturas categóricas. Já que simplesmente as pessoas entendiam e não viviam com a sensação de estranhamento em relação àqueles(as) que mantivessem relações

sexuais com pessoas do mesmo sexo. Não haviam barreiras na mente da sociedade daquela época para esse tipo de expressão, mesmo essas práticas sendo de uma minoria da população, mas sempre estavam integradas naquela cultura.

Assim, os avanços dos direitos LGBT's atualmente fazem parte de um processo histórico e não de um modismo, como diz o senso comum. O machismo, sexismo e homofobia na sociedade andam juntos, já que um crime homofóbico deriva-se de ideologias machistas e sexistas, movidos pela raiva, pelo ódio e aversão por quem quebra a sistematização de ideias do machismo, da heteronormatividade.

De tal modo acredita-se que a medida em que as pessoas recebem informações contra homossexuais no dia-a-dia vão depositando-as na mente. Alguns até conseguem entender e tomar para si como conhecimentos que não servem para a sociedade almejada, pautada no respeito aos direitos humanos. Mas infelizmente existem pessoas que não conseguem ter esse discernimento. Então, infiltrados por toda essa gama de elementos edificadores da violência irracional (intolerância) constroem seus próprios mecanismos de discriminação e propagação da homofobia.

Diante dessa síntese contextualizativa de óticas da homossexualidade na história como construção das masculinidades e feminilidades, percebe-se que desenvolver um trabalho de conscientização e respeito as diversidades sexuais nos espaços educacionais não é fácil. Falar de homossexualidade e suas abordagens dentro dela abre margens a confrontos desses ideais, valores e moralismos historicamente construídos, advindos principalmente da família e da religiosidade dos envolvidos, como bem nos coloca A-P (9), participante da pesquisa.

As crianças já chegam nas escolas com muitos preconceitos vindos justamente da família, principalmente aqueles crianças de famílias evangélicas, elas não aceitam serem contrariadas e muitas vezes esses pais chegam à escola exigindo que os filhos aprendam não sobre esses temas de homossexualismo, dizendo ser uma má influência para eles.

Contudo, é válido salientar que nessa pesquisa diagnosticou-se que a proporção de 15,38% dos participantes da mesma ainda estão impregnados por essas ideologias arcaicas e não aceitam a discussão dos comportamentos sexuais humanos na escola, justificando-se:

A-P 37: Os comportamentos sexuais são de livre escolha dos indivíduos, e não cabe a escola dialogar esses assuntos. A homossexualidade não deve ser incentivada na escola.

A-P 4;12;13;14: Tenho raiva de gays

Essas respostas chamaram-me muita atenção, são concepções que rompem com a lógica do que prega os Pcn's, visando um ensino pautado nas diversidades, como também nos direitos humanos, percebendo-se intolerância à categoria social LGBT. Então observei, em especial, os perfis de identificação desses sujeitos que contemplam o *hall* de não aceitação a discussão dos comportamentos sexuais humanos na escola. Percebi que seus tempos de profissão variam entre 5 e 6 anos, já suas idades entre 31 a 41 anos. Já o grau de escolaridade, todos apresentam curso superior completo. No entanto, assim que me deparei com essas falas na análise dos questionários, crie de imediato uma expectativa que o grau de escolarização desses sujeitos fosse abaixo do nível superior. Já acreditando na premissa teórica de Leite (2011), quando diz que quanto maior o grau de escolarização do sujeito, maior é a compreensão e respeito às diversidades sexuais. Porém, neste caso em específico, não consegui empregar tal teoria e compreender o porquê destas subjetividades tão “radicais”. A não ser, pelo lado dos moralismos e valores religiosos, que podem vir a ser uma hipótese levantada, justificando-se tais subjetividades.

Sobre o enredo da religiosidade versus diversidade sexual, sabe-se que ensino para diversidade sexual tem que ser obrigatoriamente laico, já que o moralismo da sexualidade voltado à ótica reprodutiva da espécie está diretamente associado ao cristianismo e as demais religiões que predominam em nossas escolas. Mas, como desconstruir⁴ esse capital cultural de valores morais tradicionais advindos da família, professores e demais agentes técnicos-pedagógicos da escola para que possamos aderir a favor da livre diversidade sexual na sociedade? A priori poderíamos partir do esclarecimento sobre o porquê os homossexuais são tão “mal” vistos na sociedade atual?

Não podemos esquecer que tivemos, no século XX, duas grandes guerras, a segunda estigmatizou os homossexuais de tal modo que, nos campos de concentração estes usavam distintivos especialmente diferentes dos demais detentos. Um quarto fato foi o advento da Aids, em meados dos anos 1980, reforçando o estigma aos homossexuais, pois, o seu surgimento como “peste gay” aumentou consideravelmente o preconceito e a discriminação, colocou os homossexuais como “grupo de risco”, devendo os outros tomar distanciamento ainda mais. A igreja católica aproveitou para relembrar do “pecado sodomita”, da “fornicação”, enquadrando a luxúria, o desejo e

⁴ Esclareço o conceito de “desconstrução” através da ótica de Candau (2012), que Define: Penetrar no universo de preconceitos e discriminações presentes na sociedade brasileira. Esta realidade se apresenta entre nós com um caráter difuso, fluido, muitas vezes sutil, e está presente em todas as relações sociais. A ‘naturalização’ é um componente que a faz em grande parte invisível e especialmente complexa. Para a promoção de uma educação intercultural é necessário reconhecer o caráter desigual, discriminador e racista da nossa sociedade, da educação e de cada um/a de nós. (48)

o prazer sexual nesse rol, o que vai reforçar um concepção de sexualidade sob o prisma da reprodução da espécie, continuando a “caça às bruxas”. (LOYOLA,2009, p.25)

De acordo com as ideias de Loiola (2009) vivemos em um sistema cultural repressivo e castrador das singularidades no campo da sexualidade e diversidade sexual que, conseqüentemente, propaga-se constantemente no cotidiano do espaço escolarizado, pois a escola reflete a sociedade. O referido autor traz a reflexão estamos vivenciando um momento social chamado de “homofobia dissimulada”, em que as pessoas camuflam sua homofobia, alegando não terem preconceitos ou atitudes discriminatórias a classe LGBTTT, em uma sociedade disfarçadamente tolerante. Aquela que diz que “aceita”, não discrimina, nem marginaliza as pessoas pelas suas escolhas e preferências sexuais homoafetivas, principalmente por medo de represálias legais, já que a homofobia, dependendo da gravidade de sua incidência em nosso país pode ser considerada um crime, quando agride a integridade de direitos humanos dos vitimados. E na maioria dos casos, as pessoas, alegam que apenas não concordam com as práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo, justificando tal posicionamento à suas crenças ou dogmas religiosos.

2.6 A reinvenção da família na escola como reflexo da pluralidade sexual.

No decorrer da análise das respostas dos alunos-professores, percebi a presença do eixo temático referente as novas formas de (re)construção familiar na sociedade, a partir das falas de duas professoras:

A-P 17:Na escola que trabalho tem um aluno que é criado por dois rapazes, vejo que ele é alvo de piadinhas e brincadeiras de mal gosto pelos outros colegas, acho que isso é homofobia.

A-P 24: Homofobia é você não entender que os homossexuais também tem direito de liberdade de expressão e de construir suas próprias famílias.

A partir dessas falas pude perceber que essas educadoras tem visão que no decorrer dos anos foram sendo rompidos os conceitos, funções e divisões de tarefas pré-determinadas entre os gêneros. E entraram em cena as famílias reinventadas, representadas pela pluralidade de arranjos familiares⁵ que organizaram-se de acordo com as vivências e necessidades de cada um de seus integrantes.

⁵Utilizaremos o termo “arranjos familiares” sempre que nos referimos às novas composições familiares pós-modernas ou pluralistas. A exemplo: filhos de casais homoafetivos masculinos e femininos adotados legalmente; união de pessoas separadas ou divorciadas; filhos convivendo com meio irmãos; filhos criados por mãe ou pai

A função do professor, nessa lógica é evitar frustrações na sala de aula e constrangimento de alunos que não veem seus arranjos familiares refletidos entre o que é aceitável pelo ambiente escolar: a chamada norma familiar, baseada no núcleo pai, mãe e filhos. A dita família feliz, pretensamente sem conflitos internos ou reagrupamentos, onde cada membro executa sua função específica e predeterminada pela hierarquização de gênero historicamente construído.

O educador contemporâneo não pode fechar os olhos e singularizar ou julgar como certo ou errado os diversos rearranjos familiares encontrados nas vivências de seus educandos. Nem sempre a família que é pensada ou idealizada pela escola coincide com a que é vivida pelo educando. O professor tem que saber interagir com todos esses grupos familiares, dialogando com as diferenças.

É importante reconhecer que, quando se elege um único modelo para qualquer que seja a situação, deixa-se de reconhecer à pluralidade a diversidade nas e das reações humanas, criando-se, assim, uma hierarquia, cujo topo é a família ideal (nuclear, economicamente estável, asséptica e feliz) e abaixo dele qualquer outro do tipo de arranjo familiar que não corresponda ao modelo universal da nuclear, como as famílias formadas por casais sem filhos; por pares homossexuais; por mulheres em atividade de chefia, entre outras.(SIQUEIRA,2009,p.20)

Em que circunstâncias esses novos arranjos são refletidos no currículo da escola? É fato que os PCN's, incluíram no currículo dos conteúdos didáticos do primeiro ciclo do ensino fundamental na área de história (Identidade, sociedade e cultura) o eixo de Conhecimentos Básicos Sobre o Reconhecimento da Origem Familiar da Criança e sua História Pessoal de Vida, tendo como subtema as semelhanças e diferenças de um mesmo grupo social e/ou familiar. (BRASIL, 1997, p.50).

Então sugere-se que, antes do docente iniciar a discussão desse bloco de conteúdos na sala de aula, faça uma sondagem das estruturas familiares vividas pelos alunos, afim de que não se cause constrangimentos posteriores como foi explicado anteriormente. “Já que ter relações

viúvos ou separados judicialmente ou informalmente; famílias chefiadas por avós; duplas de mães solteiras ou já separadas que compartilham a criação de seus filhos; casamento entre jovens com filhos; avós, tios, primos, netos e outros, todos morando juntos numa mesma casa; filhos criados por parentes com pais vivendo em presídios; filhos criados em ambientes de proliferação de drogas e prostituição; e entre outros arranjos alternativos, diferente do que se impõe como padrão (SILVESTRE, 2012. p.02)

com a família de um educando é reconhecer e incluir o próprio aluno” (MOTT & CALDERÓN, et all, 2009.p.07)

E caso forem ou não diagnosticados famílias monoparentais⁶ ou biparentais⁷, deve-se tratar o assunto com naturalidade e mostrar ao aluno que segundo a concepção de Siqueira (2009): “Define-se família como um grupo de pessoas que se unem pelo anseio de estarem juntas, de constituírem algo e de se concluírem”. (p.05)

Mas, será que esses agentes escolares estão preparados e/ou capacitados em suas formações para lidar com essa realidade? É interessante colocar que as crianças levam para a escola o currículo cultural que trazem de casa, no entanto, é fácil perceber que elas retornam para casa esse mesmo currículo, só que lapidado pela escola. Todavia, de acordo com as falas das professoras, essa lapidação retorna de forma negativa, quando a criança presencia na escola uma aversão ao arranjo familiar ao qual ela pertencem. Uma vez que de acordo com as palavras de Mott M & Calderón AI, et all, (2009):

[...] Diante dessa nova situação, corroborada agora por decisões judiciais favoráveis, convém questionar: que encaminhamentos os educadores pensam dar ao ato educativo, que majoritariamente privilegia datas como Dia das Mães e Dia dos Pais diante de famílias legalmente constituídas com dois pais ou duas mães? Como trabalhar com o grupo de educandos a real pluralidade sociocultural? Como vivenciar diversidade e valores de cidadania com situações com as quais seu repertório profissional não tem familiaridade? Como se preparar para receber essa nova família na escola, oferecendo-lhe a igualdade e a cidadania que lhe garante a Constituição Federal, sem jamais vilipendiar os direitos da criança? (p.12)

Muitas vezes pensamos que essa realidade está bem longe de nós, no entanto, quando prestamos atenção ao que é noticiado nos veículos midiáticos logo notamos:

Em decisão inédita no Piauí, a justiça concedeu nesta quinta-feira (19/12/13) o registro de um filho a um casal de lésbicas - que preferiu ter a identidade preservada.

⁶ A família monoparental ou unilinear desvincula-se da ideia de um casal relacionado com seus filhos, pois estes vivem apenas com um dos seus genitores, em razão de viuvez, separação judicial, divórcio, adoção unilateral, não reconhecimento de sua filiação pelo outro genitor, produção independente, etc. (DINIZ ,2002, apud Santos e Santos, 2009. p.08)

⁷Considera-se esse tipo de família mais estruturado que a família monoparental, já que possui a figura de duas pessoas (homem e mulher) como base sustentadora da família. Os companheiros podem ou não gerar filhos, mas em conjunto formam patrimônio e, em decorrência dessa união, também contraem direitos e deveres como, por exemplo, o de respeito mútuo. Ambos estão em paridade no tocante ao sustento e manutenção dessa família, com iguais direitos e deveres. (MARTINS & MELLO, 2009, p.09).

Elas buscaram a maternidade através de métodos de reprodução assistida. O óvulo de uma foi cedido para gerar o bebê na barriga da outra. (VERDE, 2013)

Na manhã desta quarta-feira (18/12/13) os jovens Lucian Jeyherson Siqueira do Nascimento (22) e Cleison da Silva Sousa (21) casaram-se no fórum Municipal de Picos Governador Helvídio Nunes. A cerimônia foi presidida pelo juiz da 4ª vara criminal de Picos, Thiago Brandão de Almeida, e contou com a presença de amigos e familiares dos noivos, militantes do movimento GLBT e pelo promotor Marcelo Monteiro. E teve como padrinhos a professora Adenaide Rufino, professor Paulo Mafra, o vereador Welligton Dantas e pela presidente da FAMCC Karla Mônica. (MAYARA, 2013)

Portanto, a parti do exposto percebe-se que escola deve ter consciência que é indispensável desenvolver-se práticas pedagógicas direcionadas ao encontro das necessidades dos educandos em relação à suas composições familiares, e ao convívio da coletividade em relação aos que não se enquadram nos perfis normativos de família na sociedade. É necessário conhecer a família vivida pelo educando e saber chegar até elas sem preconceitos ou formas de exclusão.

2.7 A imagem negativa dos LGBT's na mídia e seus ecos na escola.

Uma situação considerada como homofóbica pela A-P 30, me achou muito atencioso:

Os alunos apelidam os outros usando nome de personagens que são gays e lésbicas das novelas, muitas vezes esse alunos até choram ou caem nos tapas, porque não se sentem bem com as ofensas.

A interpretação considerada mais coerente e imediata para este relato, seria que a figura do homossexual nos espaços de convívio social, relaciona-se diretamente a imagens estigmatizadas e estereotipadas de seres que circundam nos meios midiáticos, principalmente a TV que traz na maioria de suas aparições nas telinhas, homoafetivos caricaturados com traços de efeminização(gays) masculinização(lésbicas) e promiscuidade. Além disso, na maior parte das vezes aparecem na posição de cidadãos de baixo poder aquisitivo, predominantemente na função de empregados domésticos ou empregado de alguém em algum setor. Repassando assim uma imagem pejorativa que o/a homossexual não consegue alcançar êxito educacional e consequentemente não usufruirá das melhores patentes profissionais no mercado de trabalho.

Trazendo essa ótica para o espaço escolarizado, infere-se que os/as silenciados/as da variedade sexual que encontra-se fora dos padrões heteronormativos vão sempre se manter

calados para não terem seus perfis ou histórias de vidas encaixados nessa diversidade caricata midiática, e conseqüentemente, serem alvos fáceis de piadas, gozações e comparações com as personagens fictícias que aparecem principalmente nas novelas, gerando conflitos escolares que resultam na maiorias das vezes em violência simbólica ou física.

2.8 O currículo para a diversidade sexual: ideais pos-críticos e a teoria *queer* a partir dos alunos-professores do PARFOR.

É coerente afirmar que por muitas vezes, a figura do professor estigmatiza o LGBTTTT como geradores de problemas no espaço escolar, quando, na verdade, eles são o próprio “problema”:

É preciso tornar o conflito de sexualidades na sala de aula como uma oportunidade de reelaboração dos saberes. Transformar “problemas” em oportunidades de diálogos. Tornando viável ao educando a reflexão sobre seus conceitos e preconceitos, sobre suas ações diante da diversidade humana. (JOCA, 2009.pág 183)

A formação de educadores com ênfase e trato especial para as questões que discutem sobre gênero e diversidade sexual se faz extremamente necessária, visto que esta pesquisa com alunos concludentes de formações no PARFOR apontou que 48,71% desses alunos-professores queixam-se que não estarem preparados eficazmente em suas formações para tratar sobre diversidade sexual e homofobia na escola. Relatando ainda não terem subsídios teóricos e nem instrumentos práticos (didáticos), o suficiente, para trabalharem e intervirem nas diversas situações, por muitas vezes conflitantes, que emergem na sala de aula. Já 41,02% afirmam estarem satisfeitos com a formação para tal finalidade, e 10,25% foram omissos nesse questionamento.

Em análise desse levantamento, elencou-se duas categorias cruciais que evidenciam esse achado, em primeiro lugar ficou a justificativa que a temática ainda aparece de forma muito resumida durante as disciplinas do curso; pouca ofertada na grade curricular; carga horárias reduzidas e/ou falta de uma disciplina específica:

A-P 7:A carga horária desta disciplina é pequena. Precisa ser mais explanada e específica.

A-P 9: Pois a única vez que nos foi repassado esse tipo de conhecimento, foi através de um minicurso, de carga horária muito pequena.

A-P 24: Apesar de não termos um estudo mais específico para trabalhá-la, considero que a universidade deveria se preocupar mais com esse tema.

A-P 30: Ainda não existe uma disciplina específica no currículo de formação aqui ofertado. Nossa grade curricular oferece poucas disciplinas sobre o assunto

A-P 33: A disciplina oferecida na grade curricular é pouca para a abordagem do conteúdo que é muito complexo

A-P 44: Tivemos uma professora muito boa no domínio da temática, mas a carga horária da disciplina não deixou ela desenvolver muita coisa e ainda me sinto despreparada para lidar com sexualidades na escola, é lamentável

Já em segundo lugar ficou a categorização que as disciplinas abordam o respeito as diferenças de uma forma geral, mas não tratam desse tema com ênfase na diversidade sexual. Como também não sentem-se seguros e/ou preparados para trazer à tona esse tipo discussão, sem gerar uma gama de conceitos, pré-conceitos, dúvidas e inquietações sobre a temática. Ou seja, eles sofrem com as indagações “o que saber?”, “o que fazer?” e “como fazer?”:

A-P 6: Infelizmente ainda não me sinto totalmente preparada para tratar sobre essa temática na sala de aula

A-P 57: É um tema que aparece de forma geral, e precisa de uma maior clareza, nem todo mundo entende a origem e o respeito as diferenças que deve ser ensinada nas escolas.

A-P 31: Embora este tema seja de certa forma abordado, são poucas disciplinas que relatam sobre a temática, ficando muito a desejar.

A-P 54: No curso muito pouco, pois esse assunto foi pouco debatido em sala de aula, muitos professores não falam sobre esse assunto.

A-P 41: Já até falamos, mas falar sobre gays e lésbica nas escolas ainda é muito complexo pra entrar no entendimento da mente de algumas pessoas, e o curso fala um pouco mais ainda deixa muito a desejar sobre como trabalharmos isso em sala de aula.

Contudo, segundo Joca(2009) as dimensões contempladas por essas indagações da formação docente para a diversidade sexual nas escolas resume-se respectivamente às esferas científicas, técnicas e políticas. As científicas abrangem os saberes teóricos necessários para tratar essas questões na escola. As técnicas versam sobre os instrumento e métodos pedagógicos utilizados para essa abordagem educativa. Já as políticas atendem o compromisso da escola em está discutindo e trabalhando essa temática e por que ela deve ser trabalhada nesse campo.

Então, afim de averiguar em qual(is) disciplina(s) do currículo da grade dos cursos concludentes do PARFOR 2014 o tema era tratado, recorri a uma rápida busca documental dessas informações, até que cheguei ao ementário de ensino da disciplina Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diversidade, ministrada nos cinco cursos pesquisados, com carga horária de 60h, trazendo a seguinte ementa:

Educação e Diversidade Cultural. O racismo, o preconceito e a discriminação racial e suas manifestações no currículo da escola. As diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais. Diferenças de gênero e Diversidade na sala de aula. (BRASIL/MEC, 2013, p.3)

É valido destacar que a ementa já vem definida nos Projetos Políticos Pedagógico dos cursos, desenvolvida pela CAPES e distribuídas entre os campis de funcionamento do PARFOR, mas valer ressaltar, que os objetivos da disciplina é o professor responsável quem define. Então cada professor que ministrou essa cadeira norteou-a a seu modo, mas baseando-se em suas convicções e usando sua autonomia docente na condução da proposta ementaria. Contudo, sobre esse caso, não pode-se inferir ou concluir muita coisa, visto que não realizei um estudo de campo com esses profissionais afim de conhecer que tipo de direcionamento eles davam a essas aulas, e, conseqüentemente avaliar quais e de que forma esses saberes eram devolvidos junto aos alunos-professores do PARFOR.

No entanto, pude perceber nas subjetividades das falas escritas dos pesquisados, o desejo que essa disciplina fosse talvez desmembrada, em duas novas cadeiras. Uma que abrangesse os saberes referentes a gênero e diversidade sexual. E outra que foca-se nas relações Interéticas. Deste modo, essa hipótese sugestiva cria a expectativa de saberes específicos, conduzidos por instrumentos e métodos pedagógicos de capacitação docente nessas temáticas.

Mesmo assim, pude ver que tal disciplina é regida pelos ideais curriculares pos-críticos, que, na visão de Silva (2011), são definidos como as novas concepções de saberes necessários à configuração de espaços educacionais problematizadores das desigualdades sociais, apresentando conhecimentos curriculares contempladores das questões que abarcam a temáticas: cultura, etnia, raça e gênero. Sobre essa última, saliento os enfoques sobre identidade de gênero através da teoria “*queer*”:

A teoria *queer* começa por problematizar a identidade sexual considerada normal, ou seja, a heterossexualidade. Em geral, é a identidade homossexual que é vista como um problema. A heterossexualidade é a norma invisível relativamente à qual as outras formas de sexualidade, sobre tudo a homossexualidade, são vistas como um desvio, como uma anormalidade. (SILVA, 2011, p 106)

Mas, a que refere-se o termo “*queer*”?

Historicamente, o termo *queer* tem sido utilizado para se referir, de forma depreciativa, às pessoas homossexuais, sobre tudo do sexo masculino. Mas significa também, de forma não necessariamente relacionada às suas conotações sexuais, “estranho”, “esquisito”, “incomum”, “fora do normal”, “excêntrico”. O movimento homossexual, numa reação à histórica conotação negativa do termo, recupera-o, então, como uma forma positiva de auto identificação. (SILVA, 2011, p 105)

Contudo, é importante frisar que a pedagogia *queer* não se preocupa em reivindicar e/ou incluir no currículo os conhecimentos tidos como positivos ou negativos da diversidade sexual, afim de formar-se cidadãos tolerantes às identidades LGBT’s e combater a homofobia.

“Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e identidade” (SILVA, 2011, p 107). Ou seja, estudar as ações institucionais e discursivas que venham a definir o sentido do que é correto e o que é incorreto, o que é moral e o que é imoral, o que é normal e o que é anormal frente a essa pluralidade. “A ênfase da pedagogia *queer* não está na informação, mas numa metodologia de análise e compreensão do conhecimento e das identidades sexuais” (SILVA, 2011, p 108)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou as subjetividades de professores-alunos atuantes no ensino público básico do vale do rio Guaribas, que estão em estágio de conclusão de suas formações no PARFOR pela Universidade Federal do Piauí-CSHNB, em relação a formação que o currículo oferece durante o curso para educar, conviver e portar-se frente a situações e temáticas escolares envolvendo as orientações sexuais LGBT's. Trazendo que entre os anseios da amostra participante está a necessidade de que a escola deva tratar sobre os comportamentos sexuais humanos em seu currículo, mas para isso é preciso que a universidade, através das disciplinas ofertadas, preocupe-se mais ao desenvolver em suas formações de ensino temáticas específicas que contemplem e ampliem teorias e técnicas pedagógicas eficazes para que esses profissionais da educação possam desempenhar transversalmente e com segurança um trabalho de esclarecimento e respeito à livre manifestação das diversidades sexuais presentes na sala de aula, de maneira positiva, sem fazer apologias negativas ou gerar constrangimentos.

Diagnosticou-se através dos relatos desses alunos-professores, que durante o curso eles receberam sim uma formação curricular pautada no trato da diversidade sexual na sala de aula. Porém, segundo eles, ainda não é suficiente para que sintam-se seguros para trabalhar tal temática no espaço escolar. Entre as queixas relatadas encontrou-se a baixa carga horária que esses saberes são transmitidos no decorrer do curso. Como também, a hipótese de que esteja acontecendo uma disputa de espaço entre as teorias e práticas pedagógicas da disciplina Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diversidade, dividindo-a em meio aos conhecimentos relacionados a sexualidade/gênero e aos saberes referentes as relações Interétnicas.

Contudo, deixo claro que discorrendo minhas considerações finais positivas e negativas em relação aos resultados da pesquisa, não quero culpabilizar a nenhum dos profissionais responsáveis pelo andamento do PARFOR. Busco apenas mostrar que a práxis do programa se faz necessária quando objetivamos formar educadores que desenvolvam um trabalho pedagógico pautado nas diversidades sexuais em sala de aula.

Além disso, com esse estudo, pude inferir muitos equívocos dos sujeitos envolvidos em relação à conceitos nomenclaturais sobre o que seria a homofobia, por conseguinte, não sabendo-se o que é essa violência de fato, resta a indagação: como combater o que não enxerga-se?

Deste modo, aproveito os apêços finais desse estudo para expor minhas reflexões sobre a temática de forma genérica na educação brasileira, e elencar sugestões pedagógicas para o enfrentamento das desigualdades sexuais. Percebi a enorme necessidade de uma educação sexual escolarizada intencional visando práticas educativas de respeito às sexualidades e suas diversidades entorno de todos os preconceitos e tabus que as rodeiam, sendo discutidas de forma crítica na sala de aula. No entanto essa não é um realidade comum nos espaços de educação formal da atualidade. Vejo que, sexualidade, na maior parte dos casos está presente na escola em palestras, aulas expositivas, feiras de ciências, culturais e projetos.

Ou seja, só abrange o caráter biológico do tema, com maior frequência em temas como: DST's, gravidez na adolescência, aborto e mudanças hormonais em meninos e meninas. Sendo assim, precisamos de um corpo técnico-pedagógico preparado e embasado nos temas contemporâneos que contemplem os anseios dos educandos.

É preciso que as propostas concretas do movimento homossexual LGBTTTT para o enfrentamento da homofobia, sejam levadas aos atores técnicos-pedagógicos através de capacitações com subsídios teóricos e práticos que visem tornar visível a compreensão dessa temática no convívio social da escola de maneira positiva. Parafraseando Joca (2009), carecemos de um empoderamento da educação sexual e suas sub-temáticas no viés do movimento militante comunitário em parceria com a escola. Pregando-se a desconstrução de preconceitos e incorporação de práticas educativas que englobem a sexualidade na sua amplitude de corpo, gênero, afetividades e diversidades na vida dos sujeitos do espaço escolar.

Sabendo-se que não existem receitas prontas sobre como trabalhar com a sexualidade e suas sub-temáticas no espaço escolarizado. O educador tem que está dentro da ótica do programado, que são as metodologias de ensino-aprendizagem e do acaso, que são as intervenções que são exigidas em momentos não previamente definidos de manifestações dessa temática na escola. Na maioria das vezes de forma negativa e/ou atingindo algo ou alguém através de estigmas e estereótipos sexistas, tradicionalistas e homofóbicos.

Portanto, proponho o incentivo à fomentação de formações continuadas de professores nas áreas de gêneros, juventudes, sexualidade e violências por parte das instituições políticas públicas federais, estaduais e municipais. Além da elaboração e produção de materiais educativos e informativos de condução didático-pedagógico envolvendo saberes referentes a gênero e diversidade sexual na perspectiva da superação do sexismo e da homofobia.

Focando-se na quebra de paradigmas históricos gerando-se novos saberes a partir das dúvidas e visando a desmasculinização e desfeminização de conceitos. Por exemplo em atividades como: dinâmicas de grupo, vídeo-debate, teatro-debate, painéis de conceitos, resgate de memórias, entre outras metodologias participativas, que promovam discussões e interações entre os sujeitos.

Lembrando, que a escola deve formar para a liberdade e felicidade. Sendo assim, livre de preconceitos e possibilitando vida plena e abundante, a começar pelo reconhecimento e afirmação positiva das identidades de gênero e sexuais.

4 REFERÊNCIAS

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais. **Pluralidade cultural e orientação sexual. Temas transversais.** v.10.MEC.Brasília.1997.

BRASIL, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.**2009. Disponível em <://http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>Acessado em 19/01/14

BRASIL, Ministério da Educação. **Plano de ensino da Disciplina Relações Etnico-Raciais, Gênero e Diversidade.** PARFOR. Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPEs.2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003

CANDAU, Vera Maria. **Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios.** IN: _____(org.). Didática crítica intercultural: aproximações. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSTA, Adriano Henrique Caetano & JOCA, Alexandre Martins. **Introdução.** IN: _____, LOIOLA, Luís P. (Org.). Desatando nós: fundamentos para uma práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

FOCAULT, M. **A história da sexualidade.** v. 1: A vontade de saber. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FRY, Peter &MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** 7ª Ed. Brasiliense, 1991

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JOCA, Alexandre Martins. **Formação continuada para educadores/as sobre gênero e Diversidade sexual: a experiência do Grupo de Resistência Asa Branca.** IN: COSTA, Adriano H. C.; JOCA, Alexandre M.; LOIOLA, Luís P. (Org.). Desatando nós: fundamentos para uma práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. **Educação escolarizada e diversidade sexual: Problemas, conflitos e expectativas.** IN: COSTA, Adriano H. C.; JOCA, Alexandre M.; LOIOLA, Luís P. (Org.). Desatando nós: fundamentos para uma práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. **Extratos do cotiando escolar sobre a convivialidade com a diversidade sexual em escolas públicas de fortaleza.** IN: COSTA, Adriano H. C.; JOCA, Alexandre M.; LOIOLA, Luís P. (Org.). Desatando nós: fundamentos para uma práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

LEITE, Miriam Soares. **Violências e Homofobia nas escolas.** 2011. IN: _____(org.). Didática crítica intercultural: aproximações. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOIOLA, Luís Palhano. **Sexualidade, gênero e diversidade sexual.** IN: COSTA, Adriano H. C.; JOCA, Alexandre M.; LOIOLA, Luís P. (Org.). Desatando nós: fundamentos para uma práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

MARTINS, Antonio Darienso & MELLO, Fernanda Roberta Sasso. **Da Família Monoparental Brasileira**. Revista Jurídica Cesumar-Mestrado, v. 9, n. 388 2, p. 387-408, jul./dez. 2009. Disponível em <<http://cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/revjuridica/article/view/1004/814>> Acessado em 10/05/12.

MAYARA, Jesika. **Primeiro casamento gay é realizado em Picos**. 2013. Disponível em <http://www.portalopovo.com.br/noticia_detalhe.php?id=11104#.UrJApUWqiU.facebookk> Acessado em 15/01/14

MOTT, M. ; CALDERÓN, A. I. ; ALVES, A. A. C.; LIMA, A. C.. **A escola e os novos arranjos familiares**. Saúde Coletiva (Barueri), 2009. Disponível em <http://www.puccampinas.edu.br/rep/pos/docentes/producao_cientifica/AP_Adolfo_Aescolaeosnovosarranjosfamiliares.pdf> Acessado em 08/02/12.

NOTICIE, Portal. **Homofobia em Municípios: crimes por milhão**. 2012. Disponível em <<http://www.noticiei.com/2013/?p=3827>> Acessado em 15/01/14

SANTOS, Jonabio Barbosa dos & SANTOS, Morgana Salles da Costa. **Família monoparental brasileira**. Rev. Jur., Brasília, v. 10, n. 92, p.01-30, out./2008 a jan./2009. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/revistajuridica/Artigos/PDF/JonabioBarbosa_Rev92.pdf> Acessado em 11/05/12.

SILVA, Daniela Magalhães. **Relações de gênero no espaço escolarizado: o desafio de integrar polaridades**. in. FRAZÃO, Lilian Meyer ; ROCHA, Sergio Lizias C. de. O. (Orgs) Gestalt e Gênero. [S.L.]: livro pleno, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SILVESTRE, Alex Alves. **Compreendendo os arranjos familiares contemporâneos e os reflexos dessa reestruturação social no espaço escolar**. IN: anais IV Fórum Internacional de Pedagogia. Campina Grande, Realize editora, 2012. Disponível em <<http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/10c66082c124f8afe3df4886f5e516e0.pdf>> Acessado em 22/01/14.

SIQUEIRA, Luciana de oliveira Pereira. **Sociedade, escola e família**. 2009. Disponível em <<http://br.monografias.com/trabalhos3/sociedade-escola-familia/sociedade-escola-familia.shtml>> Acessado em 22/01/12.

VERDE, Cidade. **Justiça concede registro inédito no PI a mães lésbicas do mesmo filho**. 2013. Disponível em <<http://www.cidadeverde.com/justica-concede-registro-inedito-no-piaui-a-maes-lesbicas-do-mesmo-filho-151200>> Acessado em 15/01/14

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In. LOURO, Guacira Lopes, (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE TCC

Caríssimo aluno(a) convido-o (a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados da Pesquisa de Conclusão de Curso com o tema: **Formação docente do PARFOR para a diversidade sexual**. Na Universidade Federal do Piauí- UFPI Campus de Picos- PI, sob responsabilidade de Alex Alves Silvestre sob a orientação da professora Dr.^a Ana Carmita Bezerra de Souza.

Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos:

- a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza;
- b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso;
- c) sua identidade será mantida em sigilo;
- d) caso você queira, poderá ser informado (a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa. Este é um questionário para coleta de dados.

DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS:

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: _____

Estado Civil: () Casado () Solteiro () Divorciado () Viúvo.

Tempo de profissão: _____

Séries que leciona/ Turnos: _____

Curso que está fazendo na UFPI: _____

Formação Escolar:

() Ensino Fundamental

() Ensino Médio

() Ensino Superior Incompleto - Curso: _____

() Ensino Superior Completo- Curso: _____

() Especialização- Curso: _____

1- Você é a favor que escola deva tratar sobre os comportamentos sexuais humanos em seu currículo?

() SIM () NÃO

- Justifique sua resposta.

2- Você considera que a universidade (através das disciplinas ofertadas pela formação do PARFOR) está lhe preparando para tratar sobre a diversidade sexual/ homofobia, na escola.

() SIM () NÃO

- Por que acha isso?

3- O que você entende por homofobia?

4- Você já presenciou alguma situação homofóbica no espaço escolar onde trabalha?

() SIM () NÃO

- Caso afirmativo, resuma o que ocorreu.

Obrigado Pela Sua Participação!